Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras
1317840505

F. l.
1
2
15
25'

D. Branca,
Ou A Conquista do Algarve,
Poema.

Havre 1824 –

D. Branca.

ou

A Conquista do Algarve

Poema

em VII. Cantos.

Primeiro Borrão.

Começado Havre 19 Agosto, acabado 19 Novbro.

1824.

Dona Branca
ou a Conquista do Algarve

Havre 11 Agosto 1824

Faculdade de Letras de Coimbra
SALA FERREIRA LIMA
N.º 13.153

Canto Primeiro

I

Aureos numes d'Ascreu, ficções risonhas
Da culta Grecia amavel, crença linda
De venus bella, venus mãe d'amores,
Brincões travessos, — do magano Jove
Que do septimo Ceo atraz dos moços
Vem amor a correr por este mundo,
Ja niveo touro, já dourada chuva,
Ja q.to mais lhe apraz — de Baccho alegre,
Do louro Apollo, e das formosas nove
Cantoras irmãs, que nos vergeis do Pindo
Terem aos sons da lyra eterno canto;
Gentil religião, teu culto abjuro,
Tuas aras profanas renuncio,
Professei outra fé, sigo outro credo,
E para novo altar meus hymnos ~~canto~~ teço.

A

Canto 1

Não rios, meu Philosopho Duarte,
De minha conversão; sincera é ella.
Disse ad.s ás ficções do paganismo E christão voto christão verso canto.
Irão meus versos ao retiro mystico
Aonde te escondeste procurar-te
Descobrirão teu cottage tranquillo
E ao levantar da nevoa matutina
Te hão-de acordar p.a contar-te a historia
Dos bons tempos q' forão. Ouve escuta
O alaude romantico ouve as coplas
Do ant.o trovador; á nossa terra
Vamos amo vamos co'elles e outros
Embalar as saud.es e das folg.s
As ancias d'alma com ficções do ingo.

— II —

"Em hora boa saia a nova esposa
"Por caminho de flores — saia a bella
"A casta filha de Sion sagrado.
"Para os paços magnificos do esposo
"Choremos nós que se ella vai, choremos
"Que nos deixa e se vai outro rebanho
A apascentar caminha em prados novos

Fundação ... de Coimbra
SALA ... LIMA

"D'outras ovelhas cuidará solicita
"Que não deinos; sua coroa mystica
"Outros ninos teceram da rosa agreste
"Do lyrio dos campinos p.a a frente
"Da pastora sagrada: o bago santo
"D'outro redil defenderá a entrada.
Em hora boa &c. —— "

III

Aberta estava a porta do most.ro
E as virgens do t.o ate cantavão
Hymno de saudosa despedida
A sua joven prelada que hora as deixa.

Bella, e no viço de florentes annos
A real Branca de Lorvão Senhora
Alli trocou da Senhoria as grandezas
Pela soidão do claustro, e o nobre Aff.o
Viu com lagrimas pios não de magoa
Despir ~~Trocar~~ a linda f.e a regia purpura
Pela estamenha austera. Moça e bella
O bando empunhou & regeu digna.

De seu santo mister. — A mais subido
Mais alto grau na hyerarchia a chama
O castelhano rei: ouvira a fama
De suas virtudes o avô regio; quer-lhe
Como a sangue que é seu e amava já
De Beatriz neto amado. — Eleita d'Holgas
Vai abbadeça a tomar posse agora
De seus nobres riquissimos dominios.

— IV. —

Cavalleiros cincoenta armados d'aço
Luzidas cotas, duras malhas vestem
Alva cruz nos broqueis, e alvo penacho
No elmo brilhante fluctuando ondeia
Alta a viseira tem nos baixos olhos
O respeito lhes ~~lhe~~ põem não fita ousada
A vista do guerreiro as virgens santas
Que o véo do templo separou do mundo.
Vassallos estes são que as ferteis varzeas
De Burgos tem, e d'Holgas ao mosteiro ~~não prestão homenagem~~
Preito e homenagem dão: custou-lhe a vinda

A entrar assim nos terros portuguezes
Com mt.os campeões com heróe barões
E em pontes e castellos de Senhores
Houverão que brigar: nem lhe valêrão
Salvos-conductos do valente Affo.
Que o portuguez brioso não tolera
D'ousar castelhano em terra sua —
Mas as passárão alfim, e a sua bella
Reaes Sra levão. Já fluctua
O pendão branco ao vento matutino.
Dá signal o clarim, escudeiros descem,
Lança em punho. — Alva mulla ajaezada
Com ricos pannos d'ouro, e finos tellos
Monta a formosa Infa acompanhada
De seus donos, Soeiro, e Lopo os segue:
Soeiro, e Lopo, venerandos padres,
D'alto exemplar em lettras, e virtudes
Dos frs de Bernardo; e a consciencia
Tem a seu cargo da gentil princeza

E bulla especial do S.to Padre
Tem p.a qualquer caso o mais difficil
Que nem o agudo Busembaum soubesse
Nem o Larraga lhe mettêra dente.
Mestre Gil diz que em Padua fez prodigios
E a Galleno e Averroes dá sota e basto
Em gorda * russa mulla (e não de Physico
De nenhua que é) pesado ao albornoz
Grave caval. ~~cand.~~ junto os reverendos
Seguem Nunno Mordomo, escud.ros moços
Que uns diant.os ao todo cavalgando
Vão em vistoso bando ás margens lindas
Do Suavissimo e plácido Mondego.

— V —

Raro é o véo; alvo a touca e transparecem
Pelo véo raro, e pela touca alvissima
As tranças louras como o Sol que nasce
De tras do outeiro, como os raios delle
Luzem quando ligeiro os cobre nuvem

campos

Diaphana no ceo. — Quem haos os olhos
Debuxar? — Como o azul do firmam.to
Em noite pura? — Não q̃ são mais lindos
Como a saphyra em relicario santo
A' luz dos tochos ardendo em torno
Em devota funcção? — Ah! q̃ outro brilho
Outro luz tem: e a devoção que inspirão
Bentas relig.s pirão-me o verso
E' mais fervent.e — Oh sabem dever olhos
Languidos-azues — uma suave chamma
Meu quasi effluvio d'alma q̃ transpira
Que sae vem do coração q̃ doce mana
E o ar, ou peito, que o respira, embebe
Seio — imagine - o amor... cõ olho atrevido
Do perspicaz desejo — amor, que disse!
Amor! virgem do altar não sabe amores.
Longe atrevido cubiçar profano:
E o red.o esse pomo — ti do que o tora

Vela o esposo do ceo: do ceo pertence
Admire-a a terra, mas avante é crime
Passar da admiração. Branca a formosa
A linda Branca sangue real d'Affonso
Tam bella tam gentil fez de seus graças
~~Os~~ Os seus encantos holocausto ás aras.

— VI —

Lêda caminha a nobre comitiva
Mas o sol que declina, lhe pôz termo
Ao viandar — Fadiga sente a jóven
Princeza a tanto andar não costumada
É mister de buscar pousada commoda
Para a noite. onde? a luz já vai minguando
Não tarda o manto a se cubrir d'estrellas
Orphão do dia o ceo. Dobrão o passo:
Que a poucas legôas jaz mosteiro rico
De monges negros.
"Monges negros (disse
Fr. Soeiro com gesto de desprêzo
Pernoitar S. A. em tal convento!

S.to grande S.to foi S. Bento
Meu padre S. Bernardo me perdoe!
Meu p.e tem fidalga companhia
Para vos vai S.ra sobre tudo
Dos monges brancos honra flor e nata
Tal primado varão! De nossa regra
O muito santo preceito, veneravel
Quereis infringi-lo? — Antes mil vezes
Os votos todos trez — E V. A.
Me perdoe, porém uma só noite
Tem o cumprir! Não chega até onde a bulla
Do Santissimo padre. E q. mim digo
E Fr. Lopo q ahi stá q̃ me admitte
Mas absolver não posso esse peccado.

Infante

Que é padre md.? que peccado? Tremo
De vos ouvir. Antes aqui na terra
Dura dormir, e ao relento frio
Que um tamanhinho peccado commettermos.

Dizei oz é dizei q̃ vos empece
De ir poiar no mostr.º d. S. Bento
Tem esses padres fama de virtudes
E não sei o que lhes falta

Disse voz sinistra ~~[illegible]~~ e tam medonha
o q̃ lhes falta
Que a tunda primeira aterrou
E tremeu na sella, e somos fôra
Um pajem q̃ lhe acode a segura la
Da encommendação que vem salva a uma
Fulminadora cabeça — "o que lhes falta
Repetiu sem cuidar do mal que a affligia
"O que lhes falta o q. falta a tremenda

— VII —

Rivamos hoje nós degenerados
Tibios fieis da enfatica resposta
Do zeloso ~~Bernardo~~ Saeiro. e tal magoa
Haveria de spirito philosopho
Que impio mofasse do zeloso padre
E lhe ousasse dizer Dom Fernando

Porêm naquelles tempos de fé viva
Em que do mais leve incredulo respiro
Tremenda escommunhão tapava a bocca
E em caso de mais palpa um bom milagre
Tempo santo que nós não mais veremos
Maldita seja a ~~vaa~~ ruim philosophia
De João Jaques Voltaire e outros pedreiros
Naquelles tempos de saudosa historia
Que responder a um venerando padre
Confessor — confessor de S. A.?

Indecisa parou a comitiva
E os olhos fitos nos dous santos fos
De S. Bernardo, moços e mod.ros
Cavalleiros, a propria inf.e aguardão
A decisão do caso de consciencia
Que por ventura a todos os condemna.
A dormir ao Sereno e mais — sem ceia.

— VIII —

Sem cear! — Este negro pensamento
D'azos pezarosos esvoaça n'alma

Ao tíso lego austero: andou de cima
Com todas as ideias se lhe enrolavam
E a qualquer solução q lhe desponta
No difícil problema — este reagrega
Corolário fatal, sem ceia. — A'partão-se
Os dous graves juízes de retirão
A conferência: e a voz primeira
Que unísonos soltárão foi — sem ceia!

Fr. Lopo

"Sem ceia p.e mestre!

Fr. Socio

E sem tremenda
Caríssimo!

Fr. Lopo

Assim é, porém mais vale
Pouco que nada.

Fr. Socio

E a regra?

Fr. Lopo

A regra diz ~~[illegible]~~
Intrincado e mais avaro que o não virão
~~Igual ainda os canonistas todos~~

Fr. Socio

~~[illegible]~~ É este meu padre que um capítulo
Não viera acabo em dez di-lo ao justo.

Capitulo! que digo! a ser em papa
A concilio chamára a christand.
E vem assim Fr. Lopo
Mas padre se mandarmos
Alguem adiante a ver se concertam
Acaso cõ esses negros monges — negros
Sejão elles! Fr. L.
Que raio de luz esse
Inspirou-vos o ceo ou S. Bernardo?
Sim padre, sim, vá vossa ~~mercê~~
E convenha com elles sobre o modo
De se cumprir nossa sagrada regra
Nós iremos entanto a passo lento
Té que resposta da missão nos volte.

— IX —

Assim se decidio o caso grave
De consciencia: e assim a Ds provera
Se decidirão todos. Deu de esporas
A' nedea mula o sabio conselheiro
E informada a princeza c/ ~~conselho~~ cortejo

Canto 10

De acordão tam prud.e A propos tomão
O cam.o do proprio conceito.

D. Paio mestre de Santiago — alvor - alyt
Aben Affan Sylves —

— X —

Levão tempo as disputas; e as de padres
Mais q nenhuma. Escassa a luz incerta
Do crepusculo tinge dubias cores
Ao ~~verdejar~~ vecejar dos campos daz ainda
Ao lourejo das messes e ao verde-alvo
Dos ferteis olivaes q a estrada bordão.
Erão fins desse mez festivo e bello
Consagrado a João santo e mais quatro
Mais festivos abrindo do calendario
Santos de proprio nome festejados
Cujos orvalhos bentos dão saude
Ao corpo e alma cujas noites ain.a
Damos e dos prazeres tanto encobre
Furtivo gosto, namorado beijo
E o mais q vai p. arruinas p. feiras

Pelos ~~desertos~~ formosas margens de teus rios
Catholica Olympia — quando os moços
Quando jovens tafues pimpões da aldeia
Na abençoada noute vão devotos
Ao milagroso banho. — Santo acceite
Advogado dos limpidos correntes
Amigo protector das frescas fontes
Para quem tece de mimosas flores
Recend.te grinalda a mão mimosa
Da donzella innocente, ó lindo Santo
Qual ha ahi renegado iconoclasta
Metaphysico absurdo protestante
Que ao ver-te assim gentil c'o teu carneirinho
Pastorinho d'alvas pelles, e affagando
O cordeirinho q' aos pés nem balla
Que se sente que tal vista não converta!
E então os agoureiros alcachofos
Oraculos d'amor e as crepitantes
Fogueiras, e a torneada fina perna
Que se mostra ao saltar — como

Ai! travinam que me virão quasi — Nada
Não falta mais — Mas um sim só — Somente
De crestar a orla crespa e bem franjada
Do tafetá ventoso — ergue mais alto
E vai-se quasi — quasi tudo agora
Bendito S. João tudo desculpa
Tão bom que és e santifica tudo.

— XI —

Era pois a estação formosa do anno
Em que todo o seu fausto em luz e galas
Por nossos meigos climas pavoneia
De rica esperdiçada a natureza
O sol que tam benefico dispensa
Para tanto adereço os raios d'ouro
Em seu zenith às vezes sobre o fogo
E a calma intensa aos leves habitos
De seu paiz dilecto

— XII —

Mas então vós ó sombras deleitosas
Do ameno freixo do aloendro copado
Que ao pé da porta respeitado cresce

Ela graças que é venerado abrigo
De paes desp.s no quebrantado estio
Olhai a floresta espessa do couto
No ardor da sesta – ao ceifador cansado
Ao ceifador seguro – e a sombra amena
Ao pés do rio que fatigado bordão
E os regalados pomos saborosos
Corados como face de donzella
Quando os primeiros amor diz não modesta
Los tobias – porq. o Sr. la fiera n'alma
Tirou – e o não revellão olhar languido
Que o teu – só p.r elogio – a sua cede

XIII

Os Povos de Britannia – onde vos planta
Riqueza tous tanta formosa ~~bosque~~ porque
~~[illegible]~~
tanta gruta (a esta [illegible])
Tão queridos relvas tão gentis ribeiros
onde a celeste que aviste a formosa
Onde estes os que de perto a tanto ermo
D'arte que unirão triumphos da natureza

humida névoa — Canto 10

~~Em torno fervendo fumo negro~~
~~Pesão espessas, dos vapores incessantes~~
~~Os pluviosos gemidos não destilão~~
~~Quaes fixos no immovel zodiaco~~
~~De os despejar no embornar na terra~~
~~O Sol da mãe patria ah! dos climas~~

7

XIV

Entre olivaes ao longo ao longe enfiado
Vá a ~~[illegible]~~ cohorte caminhando
E na vasta planicie, aos começos:
A pesar raras as nocturnas sombras,
Os olhos com delicias se estendião.
Feixa a maga, faustosa perspectiva
Ao cabo lá, cerrada cordilheira
De outeiros cujo verde tachonado
Co a pallidez dos ~~[illegible]~~ de marmore
No ardor de Sirio ainda o vêo das trevas
Permitte distinguir-se uns só mais altos
Negro e queimado solido granito:
Neste animado quadro florecia

Em scena tam vivaz quasi escheleto
Do monte, e contra porta imagem funebre
De morte em tanto brio e flor da vida
Como ataude egypcio q̃ entre os brindes
E prazer dos festim vem travar gostos
Co'a lembrança — terrivel — do futuro.

— XV —

Escarpado de agudos penedos
Isolado, só, arido, e de pontas
De vivo seixo agudos eriçado
Estava o cerro — como em mar d'areias
Insoluvel theorema a subir — se ergue
A obra dos Pharaós são vagando
Pelo variado aspecto desta vista
Os olhos dos viand.es — q.do subito
No alto do escuro monte uma luz clara
Surdin — desaparece, outra vez brilha
E some-se — a luzir volve, e tranquilla
Como um fanal em porto mal seguro
corto mal seguro

Canto 10

Ao horrendo baixel do perigo avisa.

XVI

Maravilhou a todos o espetaculo
Inesperado — a timida princeza [timorata infa]
Ainda já vez de mouros encantados
De feiticeiras más de lobishomes
Toda a caterva em peso a vir sobre ella
E sem ousar nem [zezar] baixo o credo
Nem vade retro Satanas q̃ dizem
Nem sempre contra más se vão com rezas
E á vezes é peior p.ª q̃ se assanhão

XVII

"Que será! disse alfim um rumor surdo
De vozes dos que tremulos paravão
E observão com terror a luz estranha
"Deus nos acuda" disse baixo a infa
"E o p.ͤ S. Bernardo antes de tudo
Frdoeiro ajuntou [emendou] Certo me espanta
Disse Nuno escudeiro da princeza
Portuguez Borda-d'agua, e nomeado
Por feitos de primor Cauta matança

Que em mouros estremenhos fez com arte
Quando -

"Certo me espanto este signal estranho
"Que p.r velas aos mouros o tomóra
"N'outra paragem - Bem travado co'elles
"Anda o mestre D. Pais que os deixasse
"Passar do Algarve aqui. Affé vos digo
"Que este é proprio o signal que usa em seu campo
"Aben Affan ~~[illegible]~~
"Aben Affan repettem
Em tôrno a comitiva espavorida
Com frigido terror. O mais tremendo
E mais temido acerrimo inimigo
Não teve Portugal. Valente ousado
Era elle e senhor de grandes terras
Jovem rei todo o Algarve o reconhece
Suas galés innumeros infestão
Entre as columnas de Hercules os mares
Em vão. Com seus ard.os cavallos
D. Paio o mestre de Santiago o ataca

Corre o sangue infiel, o christão corre
Mais do queimado Algarve nos castellos
Firmes inda nos laços musulmanos
Profanavão seus brilhos. — Como as sette
Aureas torres no escudo lusitano
D'entorno as santas Quinas se juntárão?
— Como a nobre Tavira abrio seus portos
Ao portuguez? — Como ao singelo titulo
De rei de Portugal veio a enfiada
D'aquem e d'alem mar — que outros como
Inuteis trouxe e mais inuteis hoje
Que só memorias tristes nos recordão
Do tam caro ganhado e tam barato
Perdido — Reis de reinos desunidos
São hoje os reis — Bispos d'annel in partibus
Metade de seus titulos possuem
A outra D.s e q sabe a quantas anda
Não eu p. certo — e muito menos elles.

—

Infante

Serão mouros D. Nuno?

Nuno

Real Senhora

Este signal (é de vos dizer verdade)
De mouros é, e a hora a costumada
De suas resas mas d.s nos no sitio
Em que estamos tam perto dos castellos,
De elrei e outros senhores poderosos,
Não creio eu que mouros se atrevessem
Virr assim — De mais aqui? — Tam pouco
Não tem lá elles que fazer no Algarve
Cós de Sanctiago — E se o levais em gosto
Irei ver o que é — que me não temo
Delles.

Ao proferir destas palavras
Surde como visão de espectro ou sombra
D'armas negras armado um Cavalleiro
E em corcel tambem negro qual o rege
A noute em carro de ebano — Passando
Atravessou impavido as fileiras

Dos Castelhanos — que tomados subito
Como de espasmo frio — nem ousárão
De fazer-lhe a pergunta costumada
De — Porquem Cavallero? — Ia já longe
Quando acord.ᵒ a bradar começão
"Por quem? Porquem — Mas elle sem volver-se
Nem apressar o inquieto passo. —
Em portuguez tornou — Real real
Pelo Bravo com flor Real de Portugal
Deu d'esporas e a rapido galope
Desapparece. — Tranquillos forão todos
Ca a resposta e contentes — que d'amigo
Certo era — Só D. nuno lá comsigo
Entre dentes rosnava. ¡Anda! embora
Porem afé cavallo e cavalleiro
São Christãos, elles tão como eu sou mouro.

XIX

Andando vão caminho do mosteiro
E andando, a noite mais e mais redobra
Seu véo negro de estrellas recamado

Que ainda alma voz no ceo deixava
Alvos brilhar — qual o festivo bando
De donzellas louçans no prado ~~a~~ solta
Em horas de recreio e longe d'olhos
Sempre alerta, ligeiros dansas formão
Travão jogos brincões — Sorri-lhe o esmalte
Do prado e as flores tam gentis como ellas.

— XX —

Mas já cuidoso o rigido Joseiro
No relogio do convento reverendo.
Começa de assombrar-se-lhe a consciencia
Co'a idea de quebrar o mandamento.
Cardeal dos preceitos bem aceitos.
Já entre a comitiva mal disposta
A acceder aos escrupulos do padre
Murmuravão alguns, e só continha
O respeito da infª que assanhados
Não rompesse, aquelles entre os dous
Poderes que este mundo entre si regem
Frades e baionetas — frades sempre

As baionetas hoje — e então laços
Durindanas e mais antecessores
Do ~~genes~~ milagroso invento franciscano
Trazer visto tambem! Isto o dizia
Que em velhacada de qualquer natura
Eh! mirate che frate non 'vi manca.

— XXI —

Eia! cobrai alento animos fortes
Que, vedes, Lopo traz a medicina
Para escrupulos, fomes, e receios
De mal passadas noites, magras ceias,
E o mais que agora em confusas almas pesa
"Tremenda, padre, viva S. Bernardo
Gritava já de longe esbaforido
De galope o que vem — "Viva a tremenda
Ecoão ~~volve~~ e vivos ~~acompanhão~~ lhe respondem
~~Dobra-se o~~ efferno
Da companhia alegre co'a mensagem)
Dobra-se o passo quando ... se appressa
Com olhos alma ...
Branca a formosa ... Branca de amor tenros
A' tutora monacha Caffaito
E sem vont.e sua onde é senhora

Vai onde a levão, crescendo sempre
Começa uma novena e trez rosarios
Que nos perigos da estrada promettera
A não ser q.tos s.tos milagrosos
Se á pousada esta noite a salvo a levão.

XXII

Correi correi ó nobres cavalleiros,
Correi correi: S. Bento vos espera
Com farta ceia e regalados camos.
Porém como os escrupulos cessárão
Do regio solio; como pode
O destro enviado congraçar ~~desfeitas~~ diffrenças
De monges brancos e de pretos monges?
Facil não foi, travada houve disputa
E a não ser Dom Gil Vaz santo prelado
Que o bago episcopal metteu no meio
Da renhida contenda — hoje os feros
Ficávos linda Branca delicada
E as purpurinas rosas de teus faces

Amanhan deslumbrador não darão
Inveja e zelos aos rubins d'aurora.
E esses olhos tam puros donde mana
Doce arroio de luz celeste e meiga
Olhos p.r q.m amor deu o seu thesouro
Sem um sorriso de prazer de venturoso
Se outorgou se outro amor já não tomou
Para si todo todo esse thesouro
Esses olhos rasados de relento
Morna a luz sem fulgor do novo dia
Não brilharão matutinos raios
Qual foi brilhar no céo a estrella d'alva
Percursora do sol — tam radiante
Tam magestosa não porém mais bella.

— XXIII —

Eis os repiques nos sonoros grupos
Eis as tochas e os canticos — Bem vinda
A filha de Sion — bemvinda seja
A progenie dos reis a santa esposa
Eleita do Sr. — São os seus olhos
Como os da pomba q.do em torno arrulha.

Amecia . . . _ Os padres bentos o cantavão
Não sou que o inventei _ e outros mais comm
Exaltantes imagens dos delicios
Conjugaes <u>dálma</u> _ hymno exemplar e santo
Extrahido do cantico dos canticos.

---

30 d'Agosto 1824

Canto Segundo.

I

Oh formusura, oh doce encanto d'olhos
Enlêvo d'alma, para que no ~~terra~~ mundo
Te debuxou a mão da ~~creação~~ natureza?
~~A mão do Creador te ha debuxado.~~
Que vieste fazer do ceo á terra
Ornato d'anjos, divinal reverbero
Da face do creador? — A luz da estrêlla
No firmamto azul, o alvor da lua
Frouxo o brilhante, e bello como a face
Da virgem que suspira p. amores
Vagos que em peito infl. lhe despontão.
O surrir meigo da rosada aurora
Que vem o dia annunciar com flores
Roxas colhidas nos jardins do oriente.
E o sol orbe de luz no ceo radiante
Olho, imagem de Deus clarão e vida
Ser, existencia [illegible] eterna
Por innumeros orbes suspensos.
No espaço, oh formusura dois contiguos

B

[illegible] em magoa, [illegible]

D. Branca

Do edificio magnifico do mundo.
De tuas bellezas adornou sua obra
A mão que tudo fez. A magestosa
Architectura do orbe foi traçada
Assim n'um grande rasgo de belleza
Simples sublime e grave como a ideia
Que a concebeu no seio á eternidade.

II.

Ah! vis homem, tu miserrimo dos entes
Que te arrastas no espaço circumscripto
De um dos minimos orbes do universo
Insecto d'um só dia que nasceste
Só para continuar o elo da vida
Na cadeia dos seres, que apontaste
N'um angulo da scena magestosa
Para vê-la, e morrer — homem que póde
Comprehender teu fado mysterioso
Nos arcanos do mundo — Como approuve
A natureza — liberal, e avara.
Comtigo, já mãe querida e generosa

Já rica em dons já pobre em faculd.es
Que te deu e negou, e assim te ha feito
O mais raro phenomeno da terra
Incomprehensivel enigma, homem como
Se ajunctou em teu rostro a formosura
Toda pelo universo repartida!
Como tu, ~~fragil~~ vidro obscuro e quebradiço
Em ti se concentraste o prisma inteiro
Das bellezas no mundo dispargidas!
— Ou zombas dello ou alto é teu segredo
A' sciencia do homem creadora profunda;

III

E então da especie na porção mais debil
Mais fragil foi cahir todo esse raio
De formosura! — E então p.ª compensa-lo
De bellezas e encantos envolveu-a
Natureza, a mulher! — De q.m teu cofre
Rico encerra esperanças confiante!
Nossos prazeres todos nossos gostos
Consolações e alivio em magoa, amparo

Na inf.ª — encanto na juventude e arrimo
Na velhice de ti mulher nos podem
Concede-los tu só ou no-los negar.
Negar — & q.tas vezes! Mas tyrannos
Não somos nós? injustos oppressores
De quantas magoas privações tormentas
Lhe não ~~dáv~~ davamos duros a existencia!
Em sordidos harens que vis encerras
Teus Oriente sepulchros tristes d'ouro
Onde geme a virtude e amor corrido
Cede a brutal desejo o fasto e a venda!
Culpas Europa o musulmano barbaro
E os teus carceres negros e traidores
Onde á innocencia e candida pied.e
Arma o perfido bonzo o laço astuto
Laço que eterno a vida orgoroso della
Aventura o prazer sem nó separa
Corta sem dó commeis! Pente cereia

O derradeiro bem d'um desgraçado
A esperança. Esperança nem um raio
Nem um só raio tem penetrado os ferros
Da escravidão que só tem fim có a vida
Nem um só raio tem vôs bem-fazejo
Aquentar corações gelados mortos
Mortos mas palpitando no sepulchro
Aqui baixarão vivos —— Homem barbaro
Ingrato e desleal qual é seu crime?

IV.

Escrupulos assaz fomentados
Por ignorancia interesseira e baixa
Quanta victima cega tem conduzido
Ao altar profanos de holocaustos
Tão sanguinarios! Patria amigos
Casa paterna, maternos carinhos
Doces futuros d'um esposo amavel
De amigos fôs — santos gozos d'almas
Dados de D.s — E tudo abandonado
Pela impia crença de que a Deus não prazem

D. Branca

Em impureza o deturpa o vicio o mancha
— E só de claustros p.ª o ceo ha estrada.
Dogma fatal perverso e injurioso
A divind.e! oh victima innocente
Formosa Branca de tal erro forte
Devota pia timorata, escrava
Temente o mundo escolheste de victima
E sem o conhecer fugiste o mundo
Perigos cachopos tem o mar da vida
Tredos baixos procellas tempestuosas
Mas o nauta q̃ timido largasse
O baixel q̃ o conduz a doce patria
E dos riscos dos ~~ondas~~ aterrado
Fosse em cachopo ingreme isolado
Só no meio dos mares acolher-se
Onde nem doce esp'rança d'almo porto
Nem conforto de vida ~~nem~~ nos longes
De melhor sorte — mas só ermo horizonte
Mas só avista solidões do oceano
Prudente o chamarias? — Santa virtude

C. II

Que homens q. teri dos homens teconheceram?

V.

Trazei, fr.e ai Bento, as fumulentas
Largas portas do nitido cevado.
Correi devotamente ao dormitorio
E um grosso pingue de toucinho gordo
Me afogue os escrupulos bernardos.
Foi tanta a ceia, ~~espessa~~ larga perum trinta
Por cabeça o, adeus leitões sem conto.
Não manjares opiparos, não brandos,
Delicadezas d'esquisito gôsto
Mas fartura
A portugueza velha — Comeu porco
Desbenecado a um formoso tripa
Mas as q. ella cõ si q. um convento
Comerão os dous pobres confessores
Nem tu mestre Giltraz em tal appêrto
De tentações poderia recordar-te

O. Brama

Do fatal — dormis pergosthe mala —
Peito que em tua alquimia te afflige
Unico então avassa medicina
Que interpetra-lo bem não conseguirão
Teus doutos vigilios. — Ja repletos
Com tam frugal reporto ao leito forão.
E no primeiro somno em vos desenrão
Ora de cruz alçada e ceriferarios
Em procissão conictos se encaminhão
Com exigente marcha aos dormitorios
Onde jazem os hospedes bernardos.
Supinos jazem e fazendo fornão
Mas ao devoto cheiro dalvemandie
E ao conhecido canto acordem preito
E assim os procissão andando entoavão.

VI

Eia erguei-vos, irmãos q esta é a hora
Esta é a hora tremenda esperada
Onde vinde fazer penitencia
Levantae-vos que a hora é chegada

Macerae Ma carne rebelde
Coeiro gordo tremendo bocado
Sonhos maus tentações do diabo
Fique tudo em torrente affogado.

Louvor seja ao glorioso Bernardo
Que tão santo instituto vos deu
Sem tremendo q.m pode salvar-se
Com tremendo ninguem se perdeu

Sus ô queixos &a

VIII

Côeito orgão monachal annunciavão
Os irmãos bentos aos irmãos bernardos
A respeitavel hora do tremendo
Uso antigo sagrado e inalteravel
Aos monges brancos, e hoje por não vista
Exemplar tolerancia permittido
Nos claustros pretos, não sem m.to escandalo
Dos padres graves rigidos da ordem,
Que altam.te em capitulo altercárão

D. Branca

Assignárão s/ voto em separado
E protestárão n'acta. Mas o abbade
Mais tolerante, ou mais cortezão q̃ elles
Relaxou-a em resp.º da princeza
A praxe monastica austera antiq.
E a liberd.e franqueou do culto
Por esta noite só em seus dominios.
E q̃ nos faz a nós q̃ os bons bernardos
Comão toucinho ou não (argumentava
O philosopho abbade) ha hi peccado
Ou offensa de D.s? — Que, padre abb.e
Torna inflammado em zêlo um reverendo
O q.! indifferentismo em taes materias
É dos peccados todos o mais grave.
O q̃ nos faz a nós que comão porco
E o que nos faz q̃ os Judeus o não comão
Mas p.a estes ha boas fogueiras
E então aquelles! — Basta p.e a ordem
Por santa obed.ia vo-lo ordeno
E decidiu-se q̃ a tremenda fome
Pontualm.te repartirão aos hospedes

Com todo o ritual preiscripto e usado.
Entre —

VIII

A procissão fôra direita à porta
Da primeira gentil — mas tão carecida
De achava da virgem q̃ impossivel
Lhe era cumprir cō este preceito santo
Da regra. — Meiga voz disse de dentro.
"Dispensae-me hoje que. . . ."
"Não posso
"Não posso — brada em cascas acodindo
Gorda cachaci-pansuda figura
Que da vizinha cella a correr veio.
"Não posso que não chega a tanto a bulla.
"Dispensar! Com dispensas vai perdª
"A igreja, e as ordens — dispensar no caso
"Mais grave no preceito mais restricto
"Da nossa santa regra! — Não, senhora,
"Hei de toma-lo ou não sou eu Frz Soeiro

D. Brama

E atacava dizendo as descozidas
Bragas que cupiou à pressa arrebatado
De zêlo e rijidez — "Esta só noute
"Esta só p.e nd.e p.r pied.e
Volve a sonora voz dentro da porta
"Não Todo me doe o corpo fatigado
"Ó meu bom patriarcha S. Bernardo
"Eu saber se eu posso!"

O Socio

Embora embora
Mais aceita será a penitencia
Quanto mais custe. Vamos V. A.
Como prelado q̃ é deve ao exemplo
Sacrificar seu commodo — e vontades.
Só assim se mantem a disciplina
Da ordem.

Infta

— Mas...

Ver-me-hei pois obrig.do
A fulminar da excommunhão os raios

Infte

Excommunhão — não não eu abro eu abro

Misericordia não reverendissimo
Se não me excommungueis! Um porco vivo
Comerei antes — antes —
Uma idosa

Bem appessoada donna abriu a porta
E o rigido Soeiro inda em ceroulas
Um pesado facão na dextra empunha
E uma manta enorme atassalhando em nuo
Tal que a só vista delle affugentára
Synagogas inteiras — triumphante
Co'o grão poder de S. Antonio.
"Approximae-vos abbadessa d'Haltyas
E a timida innocente a passo lento
Ao bruto Santo se encaminha
Cos lindos olhos mede o desmedido
Bronio pedaço, que o brutal bernardo
Para bôca tam breve ousou talhar-lhe
E um gesto de magoa tam afflicta
Mas tam formosa tam encantadora

Que abriga compaixão em bronzeos peitos
Peitos de tygres — que não fossem frades
A' esperança e enjoosa penitencia
Resignada e humildosa se prepara.

IX

Scena era digna d'um pincel flamengo
Digna de ti ó, Wanderneer mimoso,
Da natural simpleza inspirado
Esta q' n'alma agora me debuxa
O ancio imaginar — pinta-me o escuro
Fundo dos quadros teus com longo e funebre
Escuro e lumiado dormitorio
Põe-me na luz primeira deste quadro
Feminina e jovem candida bella.
E alvas longas roupas, e o veo alvo
Erguido que descobre a face angelica
Onde os amorzeres não depozeram vivos
Sece o rosto com [illegible] desfigurado
Mas a que a face (aspecto) juvenil risonho
Contrae á vista do prior mestre

Brandindo austero a ferrada tenida.
Esta essa angústia da innocencia altera
A suavid.e dos feições divinos
— Diante delle a comica figura;
Do fradalhão bojudo encarniçado
Os grossos curvos e cevados formos 74
Transparecendo dos ligeiros trecos.
Na mão tremenda porta de tormento
Que rindo amostra com prazer maligno.
A timorata virgem — Gruppos negros
Brancos de monges de diversas côres
Cavalleiros armados de armas brancas
Brancos sobrepelizes de coristas
Em derredor com arte collocados
Não fora se em tal quadro
Divino Mengs teu pincel tam brando
Não fôra entre os milhores de prodigios
De tua eschola immortal o menos bello

D. Branca

X

Novo actor no meu quadro, nova digo
Figura — pois q̃ fallo a lingua d'arte
Ou entaõ novo actor — porém na scena
Mestre Gil voz q̃ acode ao arruido
Acordᵒ d'um sonho affadigado
Em q̃ se viu q̃l Tantalo inter dapes
De pasteis de perùs de trouxas d'ovos
Cercado em torno — e a cada mão q̃ estende
A cada avida bocca q̃ escancára
Um livido aphorismo em feia fórma
De alvar spectro c'oa academo rego
Lho arreda acinte, e o cança e o atormenta
Como o doutor de Sancho no banquete
Um depoz d'outro os almejados pratos
Ao faminto escudᵒ denegando —
Acordou do terrivel pesadello
A bulha da tremenda e mal lembrada

Contrae a viva ao pio meirinho

Da verdadeira causa do alvoroto
Que a taes deshoras o socego quebre
Da habitação monachia, aturdido
Ao sitio corre onde o arruido escuta.
Estava a linda Branca nesse instante
Resignada a enfadonha penitencia
Que a teu cebento confessor tam doce
Tam delicioso e branda parecia.
Eis bom Messer Gil Paz entra esfregando
As semicerradas palpebras, e como ~~o~~
Bocejando em hyatos tremendissimos
De Arbalias tanto inquire a causa
Viu-o a infª e cobrando em si demais
Um alento de esperança, os meigos olhos
Com supplice expressão volve ao galeno
E: "Mestre Gil! oh! mestre Gil!" — lhe clama
"Valei-me S.mo Jesus — Ai não não posso
"Mestre Gil vós sabeis que fraco eu tenho
O estomago desde a ultima doença

B C

"Que aquelles dez garrafos trinta pillulas
"Tisanas infusões, purgantes tonicos
"E não sei q outros mais doutos remedios
"Vossa m.te saber me receitára.
"Ai! acudi-me senão desta morro."

XI.

Os olhos magistraes de novo esfrega
E inda tonto do somno e mal desperto
Chega a princeza e quasi p. instincto
Da doctoral natura a mão estende
E ao niveo pulso gravem.te a applica.
"Febre disse — febricula — está duro
"Intermittente e vivo com seu tanto.
"De... — vejamos a lingua... E de appetite
"Como vamos? — Funcções segregativas
"Em regra? — Bom: o caso é de importancia
"Mas não de perigo: a historia morbi é simples
"E a capitulação synonima minimo
"Porquanto facile — E posto que, nos orgão
Obs.e m.te o sabedor dos sabios

"Ars longa, vita brevis — invertido
"Com o favor de D.s já muitas vezes
"Tenho o douto aphorismo — Vida longa
"Com arte breve — e assim heide emendá-lo
"Na primeira edição correctór, auctór
= Ubi ars brevior, erit longior vita =
"E que saião a campo esses doutores
"Da nulla sucia, a pé firme os espero
"C'um syllogismo em barbara, outro ad hominem
"Com trez cornudos bifidos dylemas —
"Que lhe hão-de estopetar as cabelleiras
"E fazer comer terra á famulo
"Ignorantões heide iniciá-los! ... "

Inf.a — Vêde

"Esse é urgente ...

Mestre Gil — Se é urg.e, biltres

"Levando-os a terra vis insectos
"Pertender ensinar-me a mim ao mestre

"Gil Vaz doutor pela alma academia
"De Padua q. tres dias successivos
"Sustentei a pé firme as m.as theses
"E esgrimi cos primeiros disputes
"De Bolonha e Paris! assim birbantes
"Assim! — E no ardor da dialectica
Com pés e mãos fallava e combatia
Imaginarios Zoilos e atrevidos
Petulantes ignaros Aristarchos
Que a lançadas de rijos argumentos
Desmontava do arção prostrava em terra
Na escholastica arena estatelados.

Embalde o implora o chama a gentil Branca
E a circumst.e turba as gargalhadas
Lhe responde aos somnambulos discursos
Que não entende: mais e mais irado
Lhes torna "Ignorantes!, assim brad.a
Não esquecendo assim nem q.do em sonhos

C. II

Da famld.e unatural moderna.

XII

Fr. Soeiro entanto cóa tremenda em punho
Justa. Bruma suspira e emaro o Doctor
A fradalhada vi Gilvaz redobra
D'enthusiasmo o confessor declama
E em q vitoria tal ninguem se intende.
Quando um beijo a ~~gritar~~ correr abafondo
Vem agitar — "Misericordia! acudão
"Misericordia mouros no convento!
"Aos mouros! — repette unisona a caterva
E os berros de Soeiro - cos argum.tos
De Gilvaz, cos risadas dos cornitos
Tudo porra n'um gelido silencio
Como n'harpa ferhiva os sons alegres
Do trovador q̄ ferin detta iniga
Quando animava coos carmões divinos
As danças dos zagaes no florcaprado

Mas o cruel archeiro d'alta torre
O mirou certo ao corpo ~~e gel~~ frio
Pára a mão, q as vibra, sonoras chordas.

XIII

Mouros! — com olhos fixos & pasmados
De susto e medo atonitos se fitão
Uns aos outros, — como perguntando
Em seu mudo fallar: "O q faremos? —
Dos cavalleiros dorme a maior parte
E os que coa fumaça nocturna
Da orgia bacchanal tomados subito
Do terror imprevisto acovardados
Sem ânimo sem força irresolutos
Em pavor frio como os outros gelão.
"Que faremos? — Ás armas gritou Nuno
"Animo! ás armas & segui-me todos
"Que eu — Não bem proferira estas palavras
Tremendo Aló soou pelas abobadas
Agudos do comprido dormitorio

E os alfanges nos trevos scintillavão
Nos alambaredos das nocturnas lampadas
Luzirão finas pedras nos dourados
Broches d'alvos turbantes — Alá — sôa
E os frades os Ir cos cavalleiros
Servirão n'um inst.e sobre os peitos
Apontados as duras cimitarras
Com terror de Christãos. — Nem um suspiro
Nem um ai: mãos atraz, e um nó valente
De rijo esparto. Nuno só q̃ em tantos
Desordem conservou cordura e Ânimo
Das mãos do frade toma a cruz q̃ guiava
A procissão burlesca e a golpes rijos
Co'a bandeira da fé a infieis combate.
Sôbre elle alfanges cento os golpes chovem.
Se descarregão ponderosos hachos
Mas o intrepido Nuno a um lado e outro
Fere, estrue, defende-se, e derruba
Inerme e só a ismaelita armado

Faculdade de Letras de Coimbra
SALA FERREIRA LIMA
N.º 1

D. Branca

Não lhe comporta o generoso peito
Perder, sem disputas, a liberdade
Comprar a vida que a honra barateia.
Caminho se abre entre as cerradas filas
Dos mouriscos espadas — espantados
De tanto esforço, como que domado
D'um poder superior, reina o mouro
E o intrepido mancebo defendendo-se
E recuando alfim a cerrado alcança
Um desesperado golpe e furibundo
Aterra os que mais proximos o seguem
A pulos desce — atravessou a corrente
Como o fulvo da luz na tempestade
Que as nuvens rasga e some-se — na terra
[illegible] arvores e o cimo desaparece.

XIV

"Deixae-o: — disse entre os infieis um delles
Que em nobre ademan ao rico dos vestidos
E no respeito que lhe os mais acatão
Seu chefe se demonstra — Quem tem nobre

"Assim defende a vida e a liberd.e
"É digno de a gozar: — Ninguem o siga."

XIV

Quem é este inimigo generoso
Que alma tam nobre em peito infiel encerra?
Quem é este guerreiro musulmano
Que tam gentil, tam magestoso brilha
Nas pitorescas arabes alfaias
Que o talhe tersino o altivo porte a graça
E belta de moral nobreza arreiaó?
Bravio em torno da frente em tresdobrados
Voltas o cinge resplendente estofa
Como a neve nos picos azuriados
Da serra das estrellas, — puros virgens
O adelgazárão nos teares fusos
D'Alvor nos verdes planos e outeiros
Ao som de as namoradas cantilenas
Dos romances de oriente que as memorias
Contão d'avós nos terras apartadas.

D. Branca

Donde vierão ao reclamo treze
Do vingativo pae pela offend.ª
Honra da loura virgem — Encurvadas
Em deminutivos circulos brilhão
A esmeralda da côr dos verdes campos
E a saphyra q̃ o azul do ceo reflecte
E as amethystas roxas como a humilde
Violeta modesta que se esconde
Na relva ebrupulea aos doces raios
Do sol creador na florea primavera
Olhos negros tam negros como as tranças
Que ao destornar-se a noite esparze longas
Pelos eburneos collos — vivo lume
E o fogo da progenie do deserto
Do rosto baço como tochas lanção
Accesos no agudo minarete
A' hora das preces na Mesquita
Baço é o rosto q̃ o sol crestou as faces
Ha a longas gerações da raça Athir
Do q̃ foi do ermo, porém bello especo

De animada expressão, e o vivo realção
Carmim das faces, e crespos fios d'ebano
Que em anneis voluveis lhe descião
O airoso bigode.
O bem fend.º nitido bigode
Forrado of.to cota d'ouro fino
Entalhada em lavor custoso d'ouro
Longo pesado e curvo o alfange pende-lhe
Fiél á esquerda — a morte se ha portado
Nos gumes desse alfange e dahi colhe
Ampla ceifa de vidas. — Quantas lagrimas
De viuvos d'orphãos nesses feros gumes
Corrido tem sem lhe emboto ~~os~~ fios
Sem lhe embaçar alumina ~~fulgores~~ brilhante
Que novo sangue a novos golpes pulem!

XV.

E este era o Chefe da infiél cohorte
Que o sancto asylo a profanar se atreve
Da monachal virtude — Prêso o abbade
Có resto de seus monges que dormião

Com os mais castelhanos cavalleiros
A que grilhões pesados despertárão
Dobrando somno, manietados todos
Excepto o Nuno quantos habitavão
O mosteiro esta noite malfadada
Ao vencedor seus campiões o trazerem.

XVI

E de ti linda Branca de ti bella
Mimosa dama tenra e delinda
Ai de ti com horror meu canto foge
Cortada a voz nos chordos do alaude
Teu destino cruel dizer não ousa
Virgem botão que ao sol desabrochava
Em jardim de virtudes ai! colhente,
Grosseira mão do salteador do bosque:
Quem te defenderá? tua virtude
Crês a candida c'roa da innocencia
Nem tem espinhos q̃ do vicio aguardem
Tu és fa de reis sangue d'Afonso
Ramo augusto dessa arvore †
Que germinou nos campos da victoria

E co'ás raizes no sanguento [illegible]
Topetava os astros na estellada esphera,
Irás pois tu que os thalamos dourados
Dos principes da terra desprezaste
E repousavas gemedora pomba
Nivea no seio do celeste amado
Irás de immundo Harem, victima abjecta
Depravares infames, ao capricho
De barbaro senhor jazer escrava
E escrava, oh dôr! do crime e da vergonha!

XVII

Correi lagrimas tristes, deslaçae-vos
Do coração onde travaes tenazes
Dolorosos soluços — Ancias cruas
Sahi terriveis appertuos d'alma
Vinde em mares de pranto aos olhos tristes
Espalhae-vos em nuvens de suspiros
Desaffogae-lhe o peito comprimido
Para um só coração é muita a mágoa

 2. Branca

~~Oh~~! chora linda virg.a ~~o teu~~ destino (formosura)
Sobre teus dias malfadados Chora
Essa flor de belleza essa virginea
Candura d'innocencia ... oh! — Mas na face
Da real donzella que expressão eu vejo?
É afflição, é dor? — Não. — Que! sem medo
Sem horror encarar o gesto impuro
Do inimigo da fé! que olhos tam doce
Que lhe ella lança: creios q um encanto
Acintoso do occulto feiticeiro malandrino
Lhe desvairou o coração e os olhos
Que aos do mouro gentil rend.os tendem
Qual tende p. incognita potencia feitiço
Ao pollo do austro a namorada agulha.
Não ha surriso nos vermelhos labios
Não ha meiguice nos ~~[illegible]~~ brilhantes olhos
Mas ha não sei que pens ant.e languido
A ressumbrar de toda essa figura
Angelica divina, que o desprêzo
Santo q as justas iras não souberão

Onde em tanta belleza depurar-se.
Elle o joven traidor elle o conhece
Os q não adivinhão floreos amores
D'um ~~[illegible]~~ gentil? — Os q não sabem
Ler nos da virgem olhos do mancebo?

XVIII

Quem se ajoelhou ante a real infa?
O bella moura foi — Quem lhe protesta
Ressp.l vassallagem? — In formoso
Neto d'Azar — Como escutante a bella
Infª d'Affº? — Murmurando as chordas
De sua cithara não christan vergonha
Não o ousão dizer — ~~XIX~~ As niveas azas
O anjo guardador desprende e foge
Para o ceo donde vio, e a triste nova
Leva ao pastor d'uma perd.ª ovelha.
Perd.ª ~~[illegible]~~ sim — á torpe voz do mouro
Ás impuras palavras — Branca oh fa
Dos reis da terra e do celeste esposa

D. Branca

Branca fugiu — tornou-lhe assim valor
E o atrevido imprimiu osculo ardente
Na mão de neve que se entrega ao beijo
E — vergonha fatal decoro eterno
Parece no contacto envenenado
Estremecer-lhe co'a impressão lasciva
E no deleite infando entorpecer-lhe
Alma os sentidos o deleite a honra.
Tal em cheirosa bo[illegible] espiões mim.
[illegible] [illegible] [illegible] de veios
Tal perde incerta em longuido lethargo
Que não trance de morte mas tranquillo
Adormecer da vida e socegado
Antes dirás repouso da existencia

XIX

Um brado enorme dea os seus ouvindo
Partem. Voae voae correi ligeiros
Coa rica joia que levaes roubada
Correi que atraz de vós irmãos corre
De exterminio e de morte vejo armadas
Lusas ~~cohortes~~ phalanges estrangeiras cohortes

Oh defende-os amor — pune-os virtude
Ah que merecem elles? — o castigo
— Mas castigar amor! — Não tem rais
E a crime tal nunca os mandou a terra

Fim do C. 2o

Agto. — 13 —

20
12
40
20
240

Canto Terceiro

I

Que monta a razão frigida e o pesado
Calculo de medidos pensamentos,
Pela bitola compassada e estreita
Dessa philosophia austera e fêra
Fera tyranna d'alma que em tam brando
Sonho nos acordou de illusões doces
Phantasias embora — mas tam lindas
Tam deleitosas! mas reaes prazeres
Bens, verdadeiros bens, que os nós gosavamos
E satisfeitos de sonhar dormiamos.
— Despertos, que encontrámos? — nossos olhos
Descerrados á luz que vem que acharão?
Triste realid.e da exist.a
Escheleto da vida denominado
Que é ella sem as feições que a embellezavão?
Ficaste como a varzea requeimada
Do ardor do estivo sol sem flor sem relva
Arida feia — Mas o sol é vida

D. Branca

É a luz creadora do universo. ;
Mas Ah nem tanta luz q̃ cegue os olhos
Nem tanto sol q̃ nos desseque o prado.
Razão q̃ es dalma o sol gira em n/alma
Dá-nos dia e clarão ao pensam.to
Mas de teu carro a ard.os Phaetontes
Não inexpertas mãos não ponhas redeas
Tocha q̃ foi de luz será d'incendio
Facho terrivel — e o calor de vida
Labareda vulcanica de morte.

II

Oh magas illusões oh contos lindos
Que em longas noites de long.o glo inverno
Nossos avós felizes entretinhão
Ao pé do amo lar ao crebro estallo
Da salt.e castanha, e appetitoso
Cheiro do grosso lombo querechia volvendo
Piruga e rechia sobre a viva braza
Pimpomices de armados cavalleiros
Capazes de brigar cô mundo ~~[illegible]~~ em pêso

Malandrinnes de Merlin barbudo
Travessuras de lepidos duendes
E vós fermosas mouras incantadas
Que na noute de S. João ao pé da fonte
Aureos tranços com pentes d'ouro fino
Sedes cuidadosas penteando em q o orvalho
Nas esparsas madeixas vai caindo
Os lucidos anneis de perlas torna
Oh magas illusões p q̃ não posso
Crer-vos eu coa fé viva d'outra idade
Em que de bôca aberta e sem respiro
Sem pestanejar sem só d'olhos e ouvidos
No Castello escutava a boa Brigida
Suas longas historias recontando
D'almas brancas ~~trepadas~~ p.º figueiras
De feiticeiras de unto besuntados
Ja pelos caminhos fazendo vespera
Ja indo, as duzias, n'uma (em casquinha) casca d'ovo
A India de passeio n'uma noute
Ai se o gallo cantou q̃ a uma noute
Encantos quebrão o poder má arroba

D. Branca

III.

Não gosto de Irminsulfs nem de Teutates
Nem das outras theogonicas prosapias
De runica ascendencia. As alvas barbas
Do padre Ossian — Mackpherson foi seu nome
Fazem pasmos do douto Cesarotti
São ~~validos~~ favoritos do Alexandre corso.

Não me encantão a mim não me embellezão
Como aos outros cantores á lamoda.
Que a nossos doces climas transplantarão
Esses gelos do norte esses brilhantes
Caramellos dos topes das montanhas
Do sol do meio-dia aos raios vivos
Parvos! - se lhe derretem, a brancura
Perdem coa nitidez e se convertem
De lindos christaes em agua chilra.
Embellece varía a natureza
Pelos paizes da orbe — varía a fórma
Em suas fórmas gentis a arte q̃ a imita

Vês essa dama de dourados tranças
Nas sempre-verdes arrelvadas margens
Do frígido Thamisa passeando?
Vês na mimosa face alva de neve
Transparecer-lhe ~~[illegible]~~ alvoror? Um suspiro
Concentrado no íntimo do peito
Lhe murcha o coração: talvez a morte
Lhe cerceou dos gozos da existª.
A amte. ou amto. n'um caro objeto.
Magoada mas sem lágrimas — afflicta
Mas sem as convulsões que a dor expressão
No desespero no delírio d'alma:
Que só teus prazeres vem teus bosques ornam
Deleitante Paraíso, Tejo aurífero
Manso Guadalquivir ou flavo Tybre.
Vê-la sem flor tôrde ao resplendor
Mas como o Céo resplende annuviado
~~Que~~ De vapor leve e raro — essa belleza

IV. D. Branca

Esse ardor esses campos, todo o quadro
Harmonisão com propria natureza
Mas di q' inhabil não teu pincel pinte
Que olhos negros vivazes scintilantes
A formosura austral dota feiticeira
Que nesses labios onde treme a furto
Suffocado o soluço — lhe depuzesse
Desafogada a dor em pr. muito anceio
Gemidos agudissimos suspiros
Que vão ferir os ceos com agros queixas
Que esses tremulos tam lindos q' tão doces
Sem arte não mas com singelo alinho
Na alva frente enastrados contorneie
Da cor q' poz a noite nos rudhos
Cabellos dos donzelos portuguezes,
Em feições q' debuxão pouca d'alma
(Que a alma nos paizes regelados
Jaz no coração não vem ás faces)
Exprimisse com arte [illegible]

As paixões cujo ~~fogo~~ incendio em vis animos
É labareda que scintilla estalla
Em chamma abrazadora aos céos se eleva
Mas as nos regiões d'onorte é lento fogo
Que amortecido á vista arde consome
Não chammeja não brilha mas intenso
Occulto lavra, no intimo devora.

A este meu quadro credite Pisões
Semelha a parte maxima dos quadros
Que assoalhão Pérsi travistos mores
D'essa feira ladra de consoantes
Que nos enlaçao cavallar pescoço
Em humana cabeça, nos enxerão
Burrical orelhuda em corpo ~~humano~~ d'homem.

V.

Eis em criticos eu poeta humilde
Cujo ignorado nome á sombra dorme
Do nada protector em q̃ me abrigo
Que ~~não~~ não tenho não quero não procuro
Nem em Mecenas a q̃m dedicar odes

D. Branca

Nem Augustos de quem pedinchar tenças
A dôr preceito vem! — Perdão vos peço
~~Illu~~ Laureados habit.es desse monte
Onde co'os Pegasos irmãos d'armas
(Armas terriveis q̃ jogaes tam mestres!)
Pela divina selva andaes pastando
E á salsa fonte ides beber com elle
Perdoae-me q̃ eu volto ao meu assumpto
E a cavallar manada em mais louvor
~~E Adôr tão vasto~~
Quadrupede deixo em paz no Pindo
Em paz e aos motes q̃ assim vai ouvindo.

VI.

Vivão as fadas, vivão encantos, vivão
Nossas lindas ficções tropa engenhosa
Mythologia nacional e propria
Tome em fim o logar q̃ lhe usurpárão
Na lusitana antiga poesia
Por gregos deuses e espectros atenienses
De suas vivas feições as s/ enganos
Natural formosura desfigurada.

E com postiços emprestados gallos
Arreada sem primor via sem arte
Como a innocente virgem das florestas
Que as lindas tranças de grinalda simples
Da mesquinha selvagem adornava
Bella tam bella como a luz q̃ nasce
Alva no arraiar d'um puro dia
Do floreo abril — se habitador ocioso
De corrupta cidade em tal brenha
De singeleza fôz nodoa de vicio
E mal envolta cõ halito pestifero
Esse lyrio q̃ foi gloria do prado
Entaõ brocados entaõ pannos d'ouro
Bordados tellas Cortezaõs donaires
Pelo perdido ornato da excelsa
Se expozerão — preço vil — de lhos dar novos.
Mas ah! sob essa pompa os não affeitos
Membros definhão, e nas faces pallidas
Arrebique impostor não supre a rosa
Nem os diamantes que na frente brilhão

Emprestão luz aos olhos que amortecem.

VII

Mas se ha paiz se ha clima onde pareçaõ
As illusões da nossa prisca id.e
Renascer da propria natureza
E cõ a verd.e unir-se tam estreitas
Que as não distinguirás — teus verd.es bosques
Teus palmares teus aridos desertos
Teus rocas altos teus fós areios
A quem alem de montes q̃ revejo
De christalinas aguas mordentadas
Aro d. Algarve ó Jão: tu não cantado
Seque de nossos vates, — em meus versos
Não insensiveis ás bellezas tuas
Verás p. ti um brado erguer-se á fama

VIII

No mar q̃ Europa d'Africa divide
Entra, como a explorar o seio ás ondas
O sapeo promontorio que de Sagres
Tem hoje o nome – Na moderna historia
Dos povos do Universo porventura
Não ha hi ponto no orbe, q̃ assim lembre
Tanto feito de gloria & de heroismo;
Nem ha padrão erguido p. mãos d'homens
D'alto custo e lavor q̃ outra recorde
Epocha tal aos seculos, & id.es.
D'alli Henrique aos astros perguntava
Da eternid.e astrosa, e novos mundos
Novos climas & leis lhe apparecião.
D'alli os curvos lenhos desprenderão
Primeiro o vôo audaz a ignotos mares;
Alli o berço foi da lusa gloria:
Opera lo hoje sepulchral morinte

D. Branca

Dessa deffamada gloria. Ruinas tristes
Esbroados pardieiros — oh vergonha! —
São as torres d'Henrique. — Affasta os olhos
Viand.e não vejas esse opprobrio
~~Desta nação primeira do universo~~
Da nação que a primeira foi do mundo
Em grandezas outr'ora hoje... em miseria!

— IX —

Dahi se estende ao longo pela costa
Fertil ~~planicie~~ porém inculto agreste plaino.
Jamais pesado boi gemeu arado
Ou conduziu charrua que ligeira
Corta a bravia terra — crêde que inteira
Guarda da creação a virgindade.
Mas seu aspecto não arido, e bruto
Não selvagem parece — Alli não mora
Lanoso cardo nem spinhosa çarça
Nem coroada de abrolhos eriçados
Como em dominio seu sobre a calçada
Amarellento velho se divisa

Sêcca esterilid.e passeiado. —
De viço e fresquidão verdeja o prado
E aqui e alli ~~bufaros~~ ronuilhetes
Do recend.e amarga vos marinho
Do alecrim flores azul seu doce aroma
Com a brisa do mar na terra exhalão.
Formosos pães cobertos de verdura
Outeiros de palmeiros coroados
Montes ao longe, alvos areas a um lado
Onde o próvido insecto ampliava
Trab.os d'arte & forças da natura
A sacarina flor no botão pica
E as carregados arvores augmenta
O dulcissimo pêso. — La n'um alto
Entre arvores espessos e copados
Entre gigantes palmos, dobradiços
Olaios que os floridos ramos curvão
Desmaidos, qual dama delicada
Os lindos braços n'um desmaio languido

80 ceratonia siliqua D. Branca

De mimosa desiie, — e por cylomoro
A Co'a larangeira que matiza os pomos
D'ouro co'a argentea flor, entre este luxo
De recejo e fragancia, meio vista
Meio encuberta da ramagem espessa
Maravilhosa fabrica se erguia
De palacio onde qto. o rico oriente
Tem de pedras e brilho resplandece
Ligeira e leve é a fórma quasi aerio
Para o crêras de fada namorada
Que o ergueu com palavras mysteriosas
N'uma encant.ª noute p.ª estancia
De gentil cavalleiro que ha roubado
A amores de primeiros. — Com sorriso
Desdenhoso observára a architectura
Desse estranho edif.º o alumno rigido
Da antiguid.e classica: nem Jonio
Nem Dorio nem italico nem rustico
De nenhuma ordem é menos theorias
Ogothicos floroes os revoltavão

E o grave da Saxonia rudeza
Não lhe desmentiria o proprio Volney
Chafreu o vestigio ~~...~~ rubyco rastejo
Nem os famosos Jones conseguiram
Delles dos scientifico interêsse
Por indio, indostan mogol ou persa
Nada disso é todavia é bella
Cuy lhe pôz a sabios mestres d'arte
Doutores antiquarios dilettanti
Virtuosi, amateurs & professores.
Disputa une ~~tine travam~~
Sobre elle os dous belletos phalanges
Que ora na arena litteraria brigão pugnão
E — mercês a benefica censura —
Aos grasnantes jornaes dão thema eterno
Para encher os politicos columnos.
Já se vê que de classicos romanticos
Guelphos dos lettros gibelinos d'arte
Fallar intento. Paz seja com elles,
Assim como cos outros disputes
Deste disputatico especia
Inquieto mundo aonde todos rachão
E ninguem tem razão. Eu p mim deixo
Jogar os escritos a essa gente toda

D. Branca

Liberaes & servis ultros e citros
Torys & Wighs, trolhos & corcundas
Venha o diabo á enxofra e leve-os todos
Para mim só desejo a paz d'espirito
A consciencia limpa & os frugaes sopas
Ganhos com suor honrado. Esta ventura
Gozo eu, merce de D.s pesar d'ingratos
Que o meu sangue q. e 1/9 eu m.tas vezes
Como vós q. corre me alvejavão
Que se vestião de arraiadas galas
Quando eu gemia em dó, os que trajavão
Sedas e pompa q.do em sacco envolto
Eu jazia na cinza, e me nutria
Da ~~xxx~~ extenuada vida o pão escasso
Amassado co'as lagrimas dos olhos!
Para mim esqueci q.to eu desejo
É a m.a patria! Oh dem-lhe os ceos ventura
Dem-lhe razoada & sancta liberd.e
Que não phantasma ou sonho de philosophos
Mas verdadeira & real firme descance
Nas leis de s/ paes, e nos costumes

Antigos, venerandos, com q̃ outrora
Do nome Portuguez se encheu o mundo. —

XI.

E a minha historia & o meu lindo palacio?
Mal dittas reflexoẽs! torno ao meu conto
E quem quizer cantar a Margarita,
Como o pinta da fabula, escutate.
Era pois o tal paço o mais formoso
Que se viu nunca: em pedras preciosas
Todo encravado, todo reluzente
D'ouro e diamantes. — Unia uma grade
Tambem d'ouro maciço as portas fecha
Do paço & dos jardins — velão á entrada
Dous enormes leões q̃ noute & dia
Solicitos a guardão, nem se affoita
Mortal nenhum ao limiar terrivel.
Certo ê porêm que ás vezes fatigados
Os leões adormecem, mas quem sabe
Quando elles dormem. Muitos outro tempo

D. Branca

Vendo-os d'olhos fechados se atreverão
A entrar a porta & devorados forão
Pelos terriveis feros n'um momento
Que dormidos os cerrão suppunhão. — Encantado
Este paço & os leões de encanto
Os olhos arregalão q.do dormem
Quem o soubera! — Um só naquelles tempos
Sabia este segredo encantadiço
Do Algarve d'Aquem mar era o rei joven
O bello Aben Afan. Rumor havia
Entre o povo que um dia andando á caça
Co'esses formosos paços deparára
E ou fosse acaso ou certo conhecesse
Quando os leões dormião, penetrára
Sem p'rigo algum pelos jardins defesos
E de condição, q. é, ousado, e amigo
De aventuras correr, entrára ardido
No palacio & nos salões marchetados
Que dizem todos ser de pedras finas
E brilhantes recamos d'ouro e seda

Do que elle lá passou ninguem o sabe
Mas sabe-se porém, que sette dias
E sette noites demorou nos paços
E ao septimo volveu triste e pensoso
Pallido, melancholico, ~~espantado~~ fallando
Ammiudo só. – Por vezes quando em sonhos
Ou quando solitario passeando
E o alcaçar nos eirados alta noute
Ou no alvor da manhan, ignotos nomes
Murmura estremecendo, e ora em batalhas
Ora em reinos vitorios & conquistas
Discorre e com o alfange desnudado
Meio mundo ameaça, ora affinando
E mourisco alaude em pundonor
Requebros namorados queixas solta
Com que parece dar allivio ás mágoas
Que em segredo no intimo o devorão.

XIV

Desde então o terrivel inimigo
Dos Portuguezes ora em guerra crúa

A fogo ferro & sangue os segue & acossa
Entra p.tas terror, e leva a morte
O pranto & a confusão p.o toda a p.te
Ora sem causa & subito procura
Ennoi ao vencido imigo a paz implora
E em ocio vergonhoso inteiras luas
Passa como embeb.o nos sombrios
Vagos ocios que lhe pesão n'alma

XV

Ennoi vai a fechar segunda Egyra
O circulo lunar desde que o mestre
De Santiago ard.o cavalleiro
E o mais valente portuguez q̃ a espada
Jamais cruzou com mahometano alfange
Pelas terras do Algarve se affoitára
Em correrias com seus nobres fraires
Tomado tem

E Aben Afan com pouca resist.ª
Quasi indiff'rente os vê tallar seus campos
Tomar suas villas, e arvorar a roxa
Cruz da espada nas torres & castellos
Ser de seu preito João. A guerra trava
A mais e mais com furia entre os de Christo
E o musulmano: te se espalhão vozes.
~~[illegible]~~
mas o rei mancebo
Da certeza Sylves ao dourado alcacer
Só, pensativo, tristes dias passa.

XVI.

É noute, é noute escura, e o ceo tam negro
Que nem estrella tem: abre-te, porta
Portas d'Aroia ao teu S.r – seguido
Ei-lo vai de seus fortes cavalleiros
Os mais fieis & os mais intimos delle
Costumados da sifa a acompanha-lo
Em // aventuras. Onde, aonde,
Rei do Algarve onde vais assim montado
No teu corcel querido cujos pretos

D. Branca

Elmos se entrançaõ com listões de purpura
Onde assim vaes de teus fieis cercado
E a taes deshoras? surprender o inimigo
Em cilada ardilosa? ó vós descom
Assitiado castello mal defen
Ou com um golpe audaz a entrar nas tendas
Dos Christãos, acabar c'oa raça impia
Dos jurados inimigos do crescente?
Quem sabe aonde? Um véo impenetravel
Do mysterioso principe os designios
Encobre a todos. Já correu metade
A lua de seu giro, e ninguem sabe
De Aben-Afan; mas contra os portuguezes
Não foi elle, q as luas mahometanas
Diante da roxa espada vacillando
De Santiago seu fulgor perdêrão
E o mestre da victoria precede
Já de Tavira ás portas se appresenta:

XVII

Mas q̃ phalange é essa de guerreiros
Que vão longe ao mar nos corceis ferindo
Correndo á brida sôlta? um q̃ se eleva
Sôbre outros qual se ergue no deserto
A palmeira coroada sôbre a gramma
Que á raiz lhe vejeta, e que montado
N'um formoso andaluz da côr da noite
A committiva bellica precede
Quem é elle? Quem é essa bella
Que d'arção leva e que sustem nos braços
Aonde a leva, donde a traz roubada?
Mas ~~nos olhos~~ no gesto da bella não se pinta
Desespero cruel: sua nivea ~~[illegible]~~ frente
Poisa no seio do gentil guerreiro
E seus olhos do puro azul da esphera
Volve de quando em q.do aos olhos negros
Do q̃ a leva nos braços - Não afflictos
Não é convulsos olhos mas tristes e languidos
Parecem de amor ou mágoa humedecerem

D. Branca

Quem poderá saber? — ~~Já pelo outeiro~~
~~Onde o brilhante paço se erguia~~
~~A encosta sobem, a dourada grade~~
Suas longas vestes
Alvas de neve, na turma airosa
Como de christam virgem ~~desposada~~ dedicada
Aos altares parecem, mas na frente
Dos que ~~a seguem~~ levão resplende a mourisca lua
No enrolado turb.^e — Já do outeiro
Onde o brilhante paço se erguia
A encosta sobem: á dourada grade
Se approximão: abriu-se de sinema
Como encantada q̃ é: os leões fulvos
A juba sacudindo franca entrada
Ao guerreiro gentil e á bella deixão.
Mas q.^do os outros ao limiar ved.^o
Ousão de se affoitar, as portas fechão-se
C.^m terrivel fragor, os leões rugem
E os corceis espantados recuão

C. III

De horror as crinas voltão e sem freio
Sem governo com furia partem voão.
E sem pulveroso nuvem desparecem.

XVIII

Agora occulta mão tomou as redeas
Do formoso ginete & o leva ás portas
Cavallariças que reluzem d'ouro
Sêão mais ricos dos paços regios
Em paços de monarchas opulentos.
Agora dando a mão á bella dama
O cavalleiro sobe os degraus lucidos
Escadas de diamante que perfumão
Mais lindas flores do que a linda rosa
Mais finas q o oleo precioso
Das rosas do Thibet: agora entrando
Por gallerias longas, taes ~~prodigios~~
Taes maravilhas que seus olhos virão
Só elles ousarão em versos descrevel-os
Mas ao cabo de salões carbunculos
Fechada porta jaz lê-se em arabigo

D. Branca

No turrior gravado este lettreiro.
Ao rei seu reino e á esposa seu marido
Aben Afan aqui jaz o teu fado
Penta uma vez arêa a ter de entrares.

Forem no olhos do guerreiro as lettras
Fatidicas, e a mão que ora apertava
A delicada mão da linda dama
Largou-a tão froxa assim, mudo que se sente
No chão parece meditar profundo
E em penosas ideias concentrado.

~~Mas~~ XVI

"Sim, resolvi" clamou, e a mão da bella
De novo torna ao coração a leva
E resolvi, ~~repete~~ clama — pensa-se tudo
Oh tudo tudo que seja Branca minha
Abriu-se a porta e o joven par é dentro.

Fim do canto 3.º

Em 23 7bro